

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Lula não cairá em provocação de Marçal, diz Datena

Vamos falar sério: o jornalista José Luiz Datena tem muito mais a oferecer à sociedade do que Pablo Marçal. Mas em 2024, caiu numa armadilha do influenciador digital, no debate eleitoral da TV Cultura da campanha para prefeito de São Paulo. Marçal o provocou até que Datena cometeu o erro de dar uma cadeirada no adversário. Com transmissão ao vivo, para todo o país. Aquilo enterrou a candidatura do jornalista e deu mais mídia para Marçal. É tudo que os influenciadores digitais querem.

Afinal, atrás da exposição pública vem dinheiro. Às vezes muito dinheiro. Tanto que, agora que se registrou como candidato a presidente da República, ele declarou um patrimônio de R\$ 149,9 milhões.

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sabe que Marçal quer tumultuar e, por isso, o proibiu, nesta quinta-feira, 20, de ir a debates, fazer campanha na TV e ter acesso a fundos eleitoral e partidário. Mas José Luiz Datena disse à coluna que não acha que essas proibições são grandes empecilhos:

“Ele não precisa de fundo eleitoral, não precisa de nada para impulsionar sua campanha. Ele tem recurso e tem uma rede social forte. Então ele não precisa desses detalhes até a decisão do TSE, que parece estar programada para o dia 14 de setembro. Mesmo sem debate, sem campanha na televisão, ele tem estrutura para continuar falando. Ele vai usar

isso, não tenho dúvida.”

Datena está convencido de que Marçal quer é aproveitar a exposição. Que o influenciador digital vai continuar falando e falando.

A coluna, então, perguntou se nesse caso ele não conseguirá tirar um adversário do sério. Por exemplo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Datena respondeu com sua experiência como comentarista de futebol:

“Não, o Lula não. É mais provável que tire do sério o Flávio Bolsonaro [candidato do PL] e rache a direita. Lula é um jogador de futebol experiente, que só entra em bola dividida quando tem chance de ganhar. Lembra da Copa de 1970 contra o Uruguai? O Pelé apanhou o jogo inteiro do zagueirão Roberto Matosas, que marcou forte os brasileiros na semifinal, mas acabou levando uma cotovelada do Rei. Pelé ainda quase fez um gol de placa.”

Digamos que José Luiz Datena, talvez esteja sendo um pouco otimista demais. Será difícil Marçal entrar no jogo para prejudicar o time aliado, dos Bolsonaro. Mas também é verdade que Lula é bastante experiente e não deve cair em provocações.

Alguém já disse que a história só se repete como farsa ou como tragédia. Dessa vez, Marçal briga com o andar de baixo das eleições. Seu verdadeiro adversário nas pesquisas e nas redes sociais é o candidato Renan Santos, do Missão. Ele sabe disso e, como sempre, chuta abaixo da linha da cintura:

“Acho que ele [o Renan] tem que arrumar uma mulher ou homem para amansá-lo. O cara que, com 40 anos, não tem um relacionamento é disfuncional para a sociedade. É um menininho de papai, tem que pagar os impostos que está devendo.”

FERNANDO MOLICA

Jornalista e Escritor

Fim da reeleição: a fé de Tarcísio

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), jogou para o campo da honra uma proposta de fim da possibilidade de reeleição para presidentes da República feita pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Este, porém, teve apenas o objetivo de tentar diminuir resistências à sua própria candidatura ao Planalto.

Na sabatina promovida pela CBN e pelos jornais O Globo e Valor Econômico, Tarcísio afirmou acreditar que, caso eleito, o primogênito de Bolsonaro vai “honrar” seu compromisso de ser contra a reeleição de presidentes.

Ressaltou que Flávio assinou proposta de emenda constitucional que acaba com a possibilidade de o chefe do executivo federal disputar a própria sucessão — o senador é o autor da PEC 4/2026, apresentada em março.

Desde já pré-candidato ao Planalto em 2030, o governador manifestou mais uma esperança do que uma expectativa. Nem o próprio Flávio compartilha da fé do aliado: em maio, em discurso em Santa Catarina, admitiu a possibilidade de ficar oito anos no Planalto.

Assinada também por outros 29 senadores, a PEC representou uma tentativa do parlamentar fluminense de se vacinar contra um dos principais obstáculos à sua candidatura: o temor, de grandes setores da direita, de uma perpetuação da família Bolsonaro no poder.

Os quatro filhos de Jair Bolsonaro que en-

traram para a política são relativamente jovens, têm muitas eleições pela frente — isso, sem falar em Michelle e na caçula Laura, fruto da tal “fraquejada” do pai. Em 2028, quando haverá disputas municipais, ela terá 18 anos.

Tarcísio foi a principal vítima da lógica do “sangue do meu sangue” de Jair. O governador era, de longe, o candidato ao Planalto preferido pela direita e centro-direita e personificação dos sonhos do agronegócio e do empresariado.

Caroneado (para usar uma palavra comum na sua carreira de origem, a militar), Tarcísio não procurou resistir à rasteira de Bolsonaro. Não reconheceu a queda, mas não desanimou: sacudiu a poeira e tratou de buscar a reeleição para o Palácio dos Bandeirantes.

Ao declarar crer que Flávio honrará o compromisso, Tarcísio tocou a bola pro lado. Sabe que tudo pertence ao campo da especulação; até porque, para ser reeleito em 2030, Flávio precisa, primeiro, ser eleito em 2026.

A fala do governador de São Paulo, porém, serviu para — de maneira indireta, como convém aos políticos — demonstrar insatisfação com a tentativa de eternização do clã. Bolsonaro apenas atualizou o conselho de Dom João VI para o filho Pedro, aquela história de colocar a coroa na própria cabeça antes que um aventureiro dela lançasse mão.

Tarcísio sabe que a derrota de Flávio em 2026 encurtará seu caminho em direção ao Planalto, será difícil a direita aceitar outro Bolsonaro para a tarefa. Mas, por enquanto, não falará nada, tratará de honrar seu compromisso com a família.

EDITORIAL

Quando vamos evoluir neste assunto?

Existem números que deveriam incomodar mais do que serem objeto de comemoração. Os dados do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região (TRT-15) sobre processos envolvendo assédio moral, acúmulo de função e indenização por dano moral são alguns deles. Entre janeiro e julho deste ano, foram 71.535 ações desse tipo na jurisdição que abrange 599 municípios paulistas. Em Campinas, são 7.145 processos. No ano passado, foram 11.708, após cinco anos consecutivos de crescimento.

Não se trata apenas de uma estatística jurídica. Por trás de cada processo existe, em geral, uma história de sofrimento, humilhação, desrespeito, sobrecarga ou sensação de injustiça. São pessoas que chegaram ao limite e entenderam que não era mais possível resolver o problema apenas dentro do ambiente de trabalho. É importante reconhecer que o aumento das ações também pode refletir um avanço positivo: trabalhadores estão mais informados sobre seus direitos e conseguem identificar situações que, no passado, eram naturalizadas.

A própria desembargadora Adriene de Moura David aponta que o acesso à informação ajudou a tornar mais visíveis práticas que antes passavam despercebidas. Por outro lado, seria perigoso interpretar esse crescimento apenas como consequência de uma sociedade mais consciente. Talvez algo mais profundo esteja acontecendo.

A tecnologia, que poderia tornar o trabalho mais eficiente e humano, muitas vezes transforma-se em instrumento de cobrança permanente. Produzir mais, responder mais rápido, alcançar metas inalcançáveis e estar disponível o tempo todo passaram a fazer parte da rotina de muitos trabalhadores. O problema começa quando produtividade deixa de ser o objetivo e passa a ser a desculpa para retirar do trabalho qualquer limite de respeito e dignidade.

O caso de um montador é emblemático. Depois de sofrer um acidente e retornar ao emprego com limitações físicas, relata ter sido afastado de atividades das quais antes participava, sentindo-se discriminado e isolado. Independentemente do desfecho judicial, a história revela algo que deve ser banalizado: uma pessoa fragilizada por um acidente não deveria encontrar, no seu próprio ambiente de trabalho, uma segunda forma de violência.

A atualização da NR-1, ao incorporar com maior destaque a necessidade de gerenciamento dos riscos psicossociais, reforça que saúde ocupacional não se resume a capacete, equipamento de proteção ou prevenção de acidentes físicos. Um ambiente de trabalho precisa proteger a saúde emocional e psicológica de quem passa boa parte da vida dentro dele.

Empresas precisam compreender que respeito não é benefício, gentileza ou favor. É obrigação. Metas não autorizam humilhação. Liderança não significa intimidação. Cobrança não pode se transformar em perseguição. E resultado nenhum deveria depender do sofrimento de alguém.

Quando milhares de trabalhadores recorrem à Justiça para denunciar situações desse tipo, talvez seja hora de perguntar menos por que eles estão processando e mais por que tantos ambientes de trabalho continuam permitindo que o problema chegue a esse ponto.

A Justiça pode reparar parte do dano. Mas o verdadeiro avanço será quando o trabalhador não precisar chegar ao fórum para ser tratado com dignidade.

OPINIÃO DO LEITOR

Duas gigantes da arte

O Brasil se despede de duas gigantes da arte: Laura Cardoso e Glória Menezes, que deixam uma contribuição imensa para a cultura e para a história da dramaturgia nacional.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: marceloperillier@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
---	---	--

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal